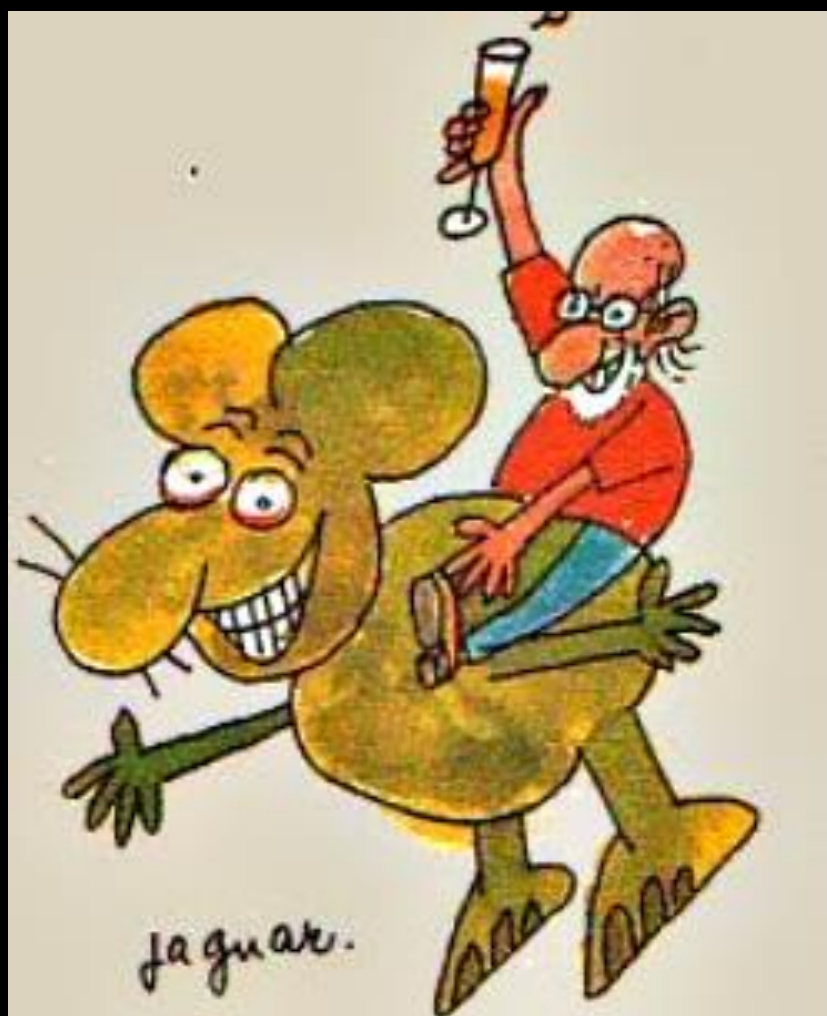


Interação zine

Ano I – Nº 04 – Set/Out- 2025
(tudo o que você precisa saber)



EDITORIAL

**Mais um Interação Zine em suas mãos,
edição Nº 04 – Set/Out de 2025; trazendo
nossos colaboradores com seus textos
seguindo nas próximas páginas: “Jaguar e
Chopnics” de Marcos Eduardo Massolini ,
Martinique em (Interações apotropaicas);
Henrique Magalhães (Hq’s Maria – Vírus) ,
Fanzines Recebidos da Bélgica - @16 pages
(Le Beffroi – Rat de Cave); Maris-
“Neurose Alternativa”- Todo Dia É
Halloween! e Fanzinoteca Zine House
Brasil, o arquivo vivo das publicações
independentes.**

Um grande abraço a todos

Editor

José “Zinerman” Nogueira

CX. POSTAL – 22

01031-970 - SP / SP



MARCOS EDUARDO MASSOLINI

([@marcoseduardo.massolini](https://www.instagram.com/marcoseduardo.massolini))

JAGUAR E CHOPNICS

“Na morte em 2012 do Ivan Lessa – amicíssimo de Jaguar e colaborador do Pasquim por anos –, resolvi escrever sobre a icônica tira de quadrinhos Chopnics (pra mim, uma das melhores já feitas no Brasil). Na época soube por uma crônica do próprio Jaguar, do alto de seus 80 anos (link lá embaixo) que estava adoentado e acreditava que não tinha muito tempo de vida. Pois vejam vocês a resiliência desse homem, que só fez a passagem agora, 13 anos

depois. Aproveito a oportunidade dada pelo Nogueira e repito a homenagem, republicando o texto que saiu no blog Almanaque do Malu na época. Viva mais uma vez Ivan Lessa e viva Jaguar, genial Jaguar (1932-2025): A ideia de criar a tira Chopnics partiu do publicitário Zequinha de Castro Neves para o lançamento da cerveja Skol em 1964. Zequinha pediu para a dupla Jaguar (desenhos) e Ivan Lessa (textos) uma tira de quadrinhos para ser publicada em dois grandes jornais cariocas (Correio da Manhã e O Globo). O nome Chopnics surgiu de uma brincadeira com as palavras chopp e beatniks. As histórias mostravam a Ipanema da época, principalmente a praia, os botecos e seus frequentadores, inspirados nos amigos reais dos criadores. Hugo Bidet, figura mítica do Rio e que ganhou seu apelido depois de servir feijoada em um bidê numa festa em sua casa, virou o

personagem BD. Logo em seguida surgiu seu alter ego, Capitão Ipanema, que ao pronunciar a palavra mágica SKOL (à semelhança do SHAZAM do Capitão Marvel original) ganhava superpoderes e defendia como podia a comunidade ipanemense. O detalhe é que se o capitão ultrapassasse os limites do bairro, seus poderes desapareciam. O Hugo Bidê de carne e osso tinha um ratinho branco de mascote, a quem chamava de Ivan Lessa, que o acompanhava em sua rota de botecos.

Esse ratinho logo estava nas tirinhas, no ombro do Capitão Ipanema, e seria a inspiração para o famoso ratinho Sig que surgiria ainda no Chopnics e anos depois seria o símbolo do famoso jornal Pasquim. Sig para quem não sabe veio de Sigmund Freud, pois segundo Jaguar, o ratinho era um roedor muito neura, atormentado de paixão pelas belas mulheres da

época. Abaixo, o link da entrevista reveladora de Jaguar pelo Jornal da ABI (não percam o trecho em que ele narra as peripécias do Sig de verdade -hilário), a crônica em O DIA e três tiras do Chopnics", que ficou na história por ser uma tirinha de humor genuinamente nacional (e adulta), num tempo em que só se via nos jornais tiras de aventuras ou infantis. Pena que Jaguar nunca teve saco pra desenhar HQ - seu foco sempre foi o cartum. Mas que bom que por alguns anos, ele tenha se sacrificado por essa boa causa.”

*Entrevista Jornal da

ABI: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=3043>

*Crônica no O

Dia: <http://odia.ig.com.br/portal/opiniaao/jaguar-piscina-de- cerveja-1.465366>

***Três tiras (só consegui essas na internet, pelo site Abbralatas. Para quem quer conhecer mais sobre, dá pra achar em sebos ou em sites de compras o Almanaque do Jaguar 3, especial com os Chopnics – capa abaixo):**





As primeiras tiras dos Chonics





MARTINIQUE (@mtmqz)

? Interações apotropaicas

Olá, leitores!

Alguém supersticioso aqui? Eu não tenho a solução para seus azares, mas vou mostrar algumas simpatias... ou, talvez, antipatias!

Qual o tipo de sua sorte? Do tipo que falta ou que sobra? Se é do tipo que vibra escassez, então precisa de um talismã, como um trevo de quatro folhas ou um pé de coelho. Mas se é do tipo que emana abundância e tem receio das influências das invejas e outras más energias, então um amuleto é o que busca, como uma pimenta ou um olho turco. Notaram

a diferença? Talismãs são objetos que supostamente atraem boa sorte e amuletos são os que afastam as ruins. Bom, a roda da fortuna nunca para de girar, então pode-se há objetos que são tanto talismãs quanto amuletos, como no caso da ferradura ou da figa. Bom, isso é uma escolha bem pessoal e eu vou falar aqui do meu amuleto predileto: a carranca.



[Figura 1 – Navio viking com *drakkar* na proa.]

As carrancas são descendentes das figuras de proa com que se adornavam e identificavam as embarcações no passado. Essas figuras poderiam deidades, figuras mitológicas ou elementos culturais às quais, com o tempo,

foram atribuídos poderes de proteção dos perigos do mar. Aqui no Brasil, no Vale do São Francisco, os barqueiros usavam as carrancas para chamar a atenção ao seu barco e depois, também, como amuleto protetor, para que garantisse a segurança dos navegantes. Ela se popularizou e atualmente é uma expressão folclórica e cultural daquele lugar. Suas esculturas, normalmente de madeira, representam uma criatura com traços tanto humanoides quanto animais e são feitas em diversos tamanhos, estando presentes, agora, em terra firme, decorando e protegendo casas e outros estabelecimentos.



[figura 2 – Pequena carranca em madeira, para decoração]

Várias outras “caras feias” foram e são usadas para afugentar maus espíritos como, por exemplo, o Gorgonião, pelos gregos, e a Hannya, pelos japoneses (fig.3). Acho curioso como figuras de culturas e com histórias diferentes acabam chegando à mesma finalidade, o que demonstra -a partir de pura especulação, claro- como os seres humanos se amedrontaram de e se confortaram de modo semelhante, em diversos tempos e lugares. Falo por mim também, que já confeccionei algumas – contra o olhar bajulador, no caso



[figura 3 – Gorgonião confeccionado no verso de um espelho à esquerda e máscara Hannya à direita.]



[figura 4 – Máscara decorativa feita em papel machê.]

Hoje em dia a palavra “carranca” ou “carrancuda” pode ser usada para designar qualquer cara feia, sejam em expressões faciais nossas ou em objetos produzidos. Por “cara feia” não me refiro à rostos distorcidos, mas feições sisudas, que podem indicar preocupação, mau humor, aborrecimento, raiva, antipatia... e podem acabar intimidando outras pessoas, de modo intencional ou não.

Desse modo, existem muitas carrancas, versões das mais variadas tanto em estilo, quanto em técnica, como em mídia e, ainda, em intenção. As carrancas parecem não decorar e proteger mais nossas embarcações, mas de vez em quando encontro alguma por aí, nas ruas, em jardins, em estantes, roupas, chaveiros, corpos (tatuagens) e cartas!



Figura 5 – Ilustração de Carranca, por Zinerman Nogueira, enviada/recebida em MailArt.]



HENRIQUE MAGALHÃES

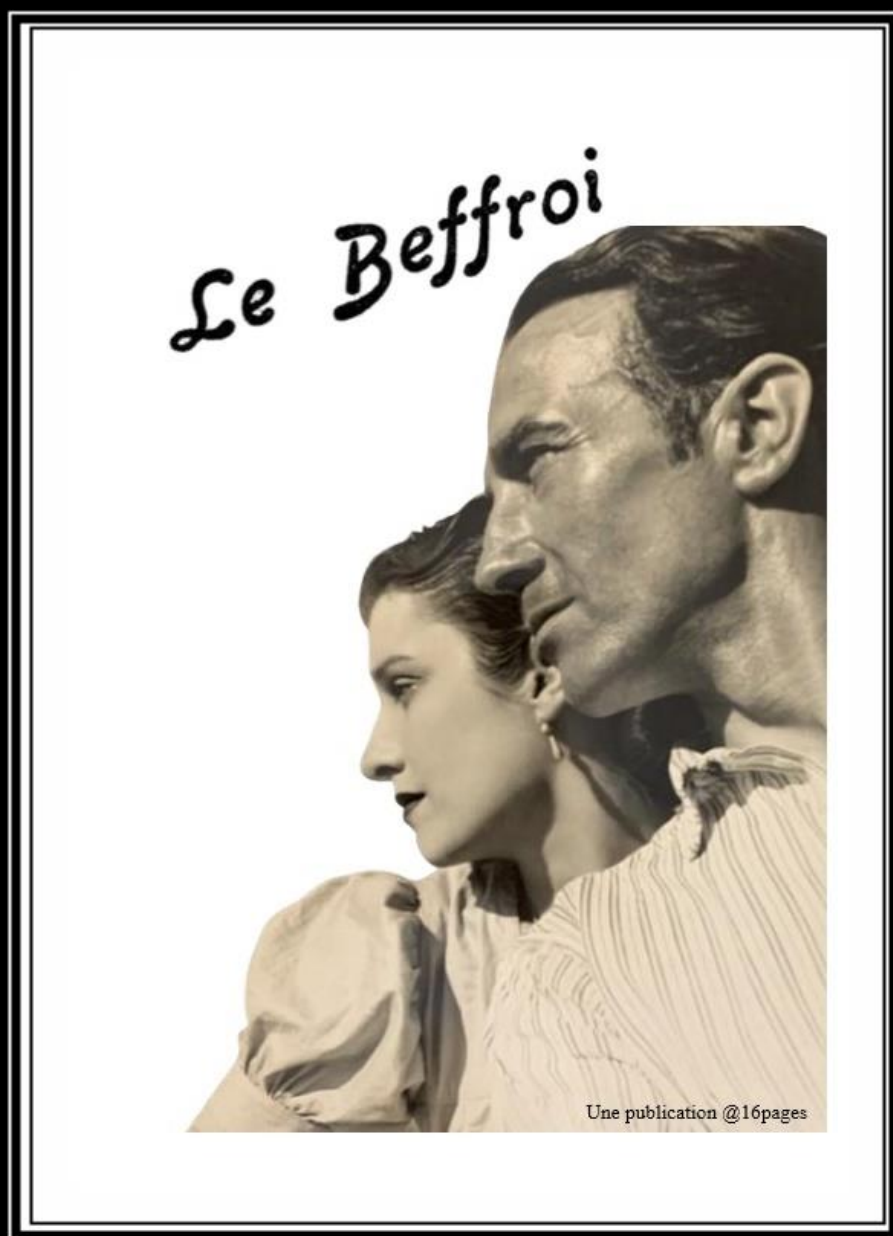
HQ'S



<https://www.marcadefantasia.com/maria.html>

WWW.MARCADEFANTASIA.COM

FANZINES RECEBIDOS



@16PAGES

RAT de CAVE



"I'm back on the Menu!.."

@16PAGES



MARIS (@marispectr)

Neurose Alternativa: Todo Dia É Halloween! – Clara L’avenir

É preciso luciferizar a besta da razão para ser preenchido pelo éter da noite.

Nos é ensinado desde a infância a dormir antes da meia-noite para que o dia venha em velocidade até nossas vistas. Entretanto, o curioso caso das tribos alternativas, sobretudo a subcultura gótica- nascida no final da

década de 70 e início dos anos 80-
anda na contramão da convenção
social, a regra estabelecida pelo
fantasma racional. O gótico enxerga
na obscuridade um refúgio do fel
capitalista e da opressão que
comandam as cabeças dos
transeuntes espalhados por entre as
cidades-dormitório do país.

O alternativo nasce quando a razão
abandona o corpo (razão da
normalidade) e encontra na loucura
um espaço de estranhamento familiar.
Se sentir parte da alteridade é um
outro modo de encarar a engrenagem
humana. Ultrapassar o estigma
estabelecido pelo substrato social ao
assumir uma postura politicamente
progressista e sumariamente
sacralizada pelo odor da morte é a
coragem dos que foram além. Além
do quê? Da razão. Pois que a razão
não é senão a tentativa de limitar o
poder expressivo do indivíduo.

Compreender e refletir sobre as mazelas do absurdo que nos rondam, mas ao mesmo tempo, saudar o sublime contido nas vozes do underground. Ir atrás da loucura, além da loucura, romper o hímen difundido no senso comum.

Contemplar o nonsense como sendo uma dança cadavérica dos que não se resignaram, estes mortos-vivos das artes.

Não há tempo no relógio que marque o nascimento de um pensamento alternativo. A morte em si se faz raiz nesta lógica caquética. Talvez o melhor momento, o momento do choque eletrificando os ouvidos com sons abismais de rosas negras seja evocado por um Ian Curtis, no auge de sua melancolia suicida.

O amor nos partirá em dois, em muitos, em mundos, tribos, subculturas e contraculturas para no

final labiríntico comunicar apenas isto:

-Só para loucos. Para a morcegada. Só para loucos.

Não perdemos o controle, o pegamos pelos dedos e fizemos dele massa de modelar, de ponderar e eternizar. É como delirar com esqueletos e gárgulas numa cópula absurda e inimaginável. Isso que faz essa miscelânea, esse caldo de ovelhas negras a pastorar as catacumbas do crepúsculo. Nada explica Type O Negative, por exemplo. Nada explica nada, na verdade, e nisto está toda a inverdade deliciosa dos mistérios noturnos.

Á propósito do outono esmeralda, quem seria capaz de explicar a neurótica performance grave, soturna e sensual de Peter Steele? Um gigante vampiro à frente do instrumento robustamente esverdeado, invocado

do extremo da terra para a altura dos céus

crepusculares, redoma morcegária de onde nascem e morrem todo e qualquer suspiro delirante.

Certamente o “homem verde” quereria espremer algo de nosso interior, seja esse algo pútrido ou cosmético. O olor da canção- talvez a de maior destaque da banda- “Black N°1 Little Miss Scare-All” é o olor etílico típico da morbidez dos góticos e dos atormentados pela máxima potência do fim.

Type O Negative foi a banda dos anos 90 que talvez melhor tenha resgatado a atmosfera gótica nascida anos antes de sua formação, agora, aliando o tema com o instrumental. Uma mistura de gótico com metal, era o chamado Doom Metal, mas que eu polemizaria e diria ser o Gothic Metal, seja lá o que for isso. No final de tudo é Type, isso que importa...

De 1989 até 2010 o quarteto atormentado pela “maldição verde” causou um barulho estrondoso na cena alternativa dos “Estragos Unidos”, com um brutalismo sensual que só “Petrus” conseguiria arrancar do núcleo das coisas que movem as outras coisas. Como alguém tão controverso poderia ser capaz de criar algo tão simbolicamente bonito? Esse segredo jamais será traduzível...

Em sua formação original constavam então: Peter Steele (baixo e vocal), Kenny Hickey (guitarra), Josh Silver (teclados) e Sal Abruscato (bateria) que sairia da banda após o sucesso de Bloody Kisses, terceiro álbum do Type que seria o responsável por popularizar a banda, com sucessos como: Christian Woman, Bloody Kisses e a tão citada e lembrada Black N°1. Após a saída de Sal, entra o baterista Johnny Kelly que permanecerá até o fim do Type em

meados de 2010 (mesmo ano da morte de Peter).

“Every day is halloween.” Este prelúdio para o fim eternizado por Peter jamais deixou fenecer entre aqueles que sintonizaram com sua mensagem feroz. Todo dia é halloween. Toda celebração é um a(pagã)o do angustiante momento de se perceber um ser vivente. Todo dia é dia de festejar o horror. Todo horror tem um pouco de neurose. Todos os halloweens carregam em si um certo vanguardismo terrivelmente curioso. Sair para as ruas depois do azul, produzir-se nefastamente, afastar o jugo e brincar de pedir doces ou travessuras nas portas vizinhas. Sorte seria cair na travessura de chupar o sangue dos desavisados, numa tentativa expressionista de encontrar o simbólico em todos esses dias de beijar o rosto da morte. Aquela

mesma que um dia já tivemos o prazer de ensaiar um ato enxadrista, tragicômico.

Black N°1 é um chamado às criaturas da noite, os bizarros e estranhos, todo o underground vibrando assustadoramente. Steele faz um manual de como “ser” trevoso. O manual é mais algo sobre como não o ser. Como não seguir uma cartilha, instruções. Peter rompe com o movimento linear, essa tentativa de delimitar a alteridade. Em contrapartida, reafirma seu espaço na escuridão, as trevas que embalam todas as noites de Halloween, e nos convida a perscrutar por estes mausoléus, túmulos e lápides consigo. É aqui que a força da volúpia estende seus gélidos braços ao escabroso. Que ele nos agarre e que queimemos como folhas no inferno (ou no inverno). Na treva o absurdo há de reinar. No reino do absurdo hão

de dançar os neuróticos da noite.
Sempre a bagunçar a ordem dos fatos,
do sistema, os sistemas. Esse é o
underground.



ZINE HOUSE BRASIL, O ARQUIVO VIVO DAS PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES

O que é a Fanzinoteca Zine House Brasil? É um acervo rico em publicações independentes, do qual seu idealizador, organizador e fundador José “Zinerman” Nogueira vem através dos tempos fazendo todo um trabalho de catalogação e arquivo de publicações em diversos seguimentos , seja ele em música, quadrinhos , especiais , entrevistas, poesias , coleções, etc... que com o advento da internet quase não vemos mais em circulação, então resolveu de uma forma simples e democrática reunir todos esses materiais para fins didáticos e

pesquisas , no acervo podemos encontrar desde o áudio-zine em fita-7 como o vídeo-zine em Vhs, sendo pioneiro neste gênero no underground, ainda podemos conferir os fanzines físicos em formato de papel (xerox) , e também os digitais zines em formato pdf , do qual Nogueira tem produzido diariamente várias publicações ao logo dos anos , sempre com o intuito de divulgação , além é lógico de ser o principal porta-voz dos fanzines no Brasil.

Então, se você guardou alguma publicação destas e deseja fazer doações para o acervo segue o endereço abaixo. (J.A.)



ZINE HOUSE BRASIL
ACEITAMOS DOAÇÕES DE FANZINES
CONTATOS : JOSÉ NOGUEIRA
CX. POSTAL - 22
01031-970 - SP - SP BRASIL

@zinerman _ Nogueira

Jn.7400@gmail.com